

QUANDO O TEMPO SE TORNA LINEAR

Silvia M. S. CARVALHO*

RESUMO: A partir de um ensaio de Leach sobre o tempo, procura-se precisar certos conceitos à luz dos conhecimentos que se tem hoje sobre caçadores-coletores e suas representações de espaço e tempo. Tenta-se também estabelecer a importância que têm para o surgimento de uma representação linear do tempo, o desenvolvimento tecnológico e o aparecimento de religiões salvacionistas e mostrar como, mesmo nestas, certa estrutura de representação cíclica se mantém.

UNITERMOS: Conceito de tempo; tempo cíclico; tempo linear; fatores de transformação dos conceitos; modo de produção e representação do tempo; religião e representação do tempo.

“De dónde saco flores si nadie las plantó”
(D. Sanchez – J. Sosa: “Marron”).

Ao tratar da representação simbólica do tempo, E.R. Leach pergunta o que pensaríamos nós a respeito do tempo, se não tivéssemos nem relógios e nem astronomia científica. Conclui:

“Estou inclinado a pensar que todos os outros aspectos do tempo, duração ou seqüência histórica, por exemplo, são apenas simples derivações destas duas experiências básicas: a) que certos fenômenos da natureza se repetem; b) que as mudanças da vida são irreversíveis.

Agora, nossa visão moderna e sofisticada tende a jogar a ênfase no segundo destes aspectos do tempo”(7:193).

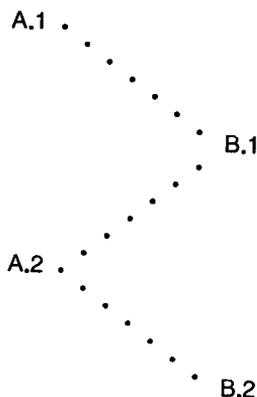
A seguir, procura mostrar que as religiões são, em grande parte, responsáveis pela concepção do tempo como repetitivo ou, em outras palavras, pela representação do transcurso do tempo como círculo ou ciclo; e que esta nossa representação do tempo talvez não seja dominante no pensamento de muitos povos não-ocidentais:

* Departamento de Antropologia, Política e Filosofia – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação – UNESP – 14.800 – Araraquara- SP.

“Na verdade pareceria que, em algumas sociedades primitivas, o processo do tempo não é sentido, de modo algum, como uma ‘sucessão de durações de época’; não existe nenhum sentido de seguir sempre e sempre na mesma direção, ou de girar, girar em uma mesma roda. Pelo contrário; o tempo é experimentado como algo descontínuo, uma repetição de inversões repetidas, uma seqüência de oscilações entre opostos polares: dia e noite, inverno e verão, seca e cheia, velhice e juventude, vida e morte. Em tal esquema, o passado não tem ‘profundidade’, todo o passado é igualmente passado, é simplesmente o oposto de agora”(7:195).

Culpa ainda a religião por ser ela “e não o senso comum que persuade os homens a incluir tantas e tais oposições sob uma categoria única e tal como tempo. O dia e a noite, a vida e a morte são pares logicamente similares apenas no sentido em que são ambos pares opostos. É a religião que os identifica, pregando-nos a peça de nos fazer pensar na morte como a noite da vida, persuadindo-nos assim de que os eventos não-repetitivos são realmente repetitivos”(7:195).

Nas páginas que se seguem, Leach procura mostrar que, embora isto não queira dizer que “todos os povos primitivos pensem necessariamente assim a respeito do tempo”, muitos o fazem à semelhança dos gregos e que estes “tendiam a conceitualizar o processo temporal como um zigue-zague” (7:202), coincidindo, em linhas gerais, com os diagramas feitos por Lévi-Strauss, da aliança matrimonial entre grupos opostos:



Assim, diz Leach, “o tempo de Cronos é uma oscilação, um tempo que vai e vem, que nasce e é engolido e vomitado, uma oscilação do pai para a mãe, da mãe para o pai, repetidamente” (7:199).

Cremos que é possível recolocar a questão da seguinte maneira:

Não é uma observação fria, descompromissada da natureza que fundamenta as concepções de um povo. As concepções são um *produto social*. Isto se tornou claro desde

trabalhos como os de LEENHARDT (8:105-128), e de EVANS-PRITCHARD (2:94-138). Há um tempo ecológico e um tempo estrutural que, de certa forma, se cruzam.

Na realidade-caos que é o Universo*, os povos recortam a sua realidade da única forma lógica e inteligente, guiados pela experiência social dessa mesma realidade por eles vivida.

Portanto, se o homem primevo (caçador-coletor) pensa o tempo como pendular, não é porque sua “religião animista” lhe diz que a vida e a morte, “o corpo e o túmulo são simplesmente residências temporárias e alternadas para a essência da vida, a alma”, mas porque ele percebe que a vida do homem é a morte do animal e vice-versa, e que a energia capaz de fazer crescer, florir e frutificar a vida sobre o planeta, corre do homem para a natureza e da natureza para o homem, na forma de alimento que se transforma em sangue, carne e ossos das gerações emergentes.

Assim, a concepção totêmica representada pela atitude da velha esquimó que enfrenta a morte como uma “vivência” temporária sob a forma de energia que alimentará o urso branco, e que espera voltar ao iglu, muito tempo depois, na forma de alimento-urso caçado por seus netos, revela a dialética da própria vida no planeta.

A origem da estrutura do pensamento filosófico religioso certamente está aí: nesta construção simbólica globalizante em que se opõem o mundo humano e o mundo não humano, como se fossem pesos de uma balança; não para evidenciar as possibilidades ou o peso real em bioenergias que cada qual contém, mas para conseguir calcular astuciosamente com toda a *métis* de grandes conhecedores do mundo das plantas e do mundo dos animais que guia a ação dos caçadores-coletores – como os seres humanos devem tirar do mundo não humano seu sustento, desequilibrando-o o menos possível em cada “punção”, e reequilibrando-o o mais possível após cada investida.

E mais do que isso, penso que a própria estrutura do pensamento-linguagem (ou seja, o pensamento, a linguagem propriamente ditos) se originaram nesta operação de colocar humanidade e natureza “em ordem”, através de uma reflexão sobre as ações do grupo sobre a natureza e dos seres humanos entre si. “Ordem” que é o “equilíbrio instável” das estruturas, em que não só cada ação de punção de um oponente (homem caçando, mulher coletando) lembra a ruptura na natureza que precisa ser compensada de uma forma ou de outra – e aí está a brecha para a criatividade específica de cada grupo humano –, mas também em que cada ação de troca no interior do mundo humano (cada mulher coletora passando o produto de seu trabalho aos outros, cada caçador distribuindo a carne do animal abatido) cria a expectativa de uma contrapartida, sendo ao mesmo tempo já a contrapartida de ações anteriores, de outrem; de pais e mães que trouxeram alimentos para as crianças que se tornaram os pais e as mães de geração seguinte.

* Não importa que a ciência já tenha descoberto nele tantas leis quanto galáxias distantes: é um Universo de que jamais saberemos ao certo o fim, já que aparentemente teve começo: e se vai recomençar depois de ter tido um fim... continua, portanto, o mesmo mistério colossal.

Assim é que a estrutura antropológica da *psyché* se construiu sobre duas coordenadas, a da tendência a um equilíbrio com o universo que é o “outro”, o não-humano, e a da partilha e identificação com a comunidade, como única maneira de garantir a reprodução do modo de produção cinegético e assim, também, da comunidade humana.

Quanto à circularidade ou ciclicidade da representação do tempo, ela se deve igualmente à práxis da humanidade caçadora-coletora, práxis de que a observação do movimento anual das estrelas no céu é uma mera decorrência.

Um povo caçador-coletor percorre seu território, certamente não de uma forma necessariamente circular, mas explorando-o de forma escalonada, ora voltado mais para a caça e determinada espécie animal, ora mais para a colheita de sementes e frutos maduros neste ou naquele bosque, o próprio nomadismo funcionando como parte de um mecanismo regulador ecológico. Ao fim do ano, o grupo volta a encontrar a natureza razoavelmente refeita. Não é, então, como se ele revivesse, de certa forma, o passado?

Claro que o caçador sabe, tanto quanto nós, que não é mais ele, mas seu filho que repetirá, com o passar dos anos, os ciclos vindouros, pois, subjacente ao esquema circular do périplo do território, o movimento pendular (da morte-vida, vida-morte) imprimirá sempre, por mais insignificante que se a figure, uma certa profundidade: a representação do fluxo do tempo será sempre um tanto espiralada, ainda que concepções “re-encarnistas”^{*} possam reconduzi-la ao círculo original.

Concepções deste tipo aparecem entre caçadores nômades ou povos que deixaram de sê-lo há pouco.

Assim, na concepção de tempo dos Hopi^{**}, analisada e exposta por WHORF(13) revela-se o reflexo de toda uma experiência social dos Shoshones nômades que nada mais foram do que os ancestrais dos Hopi de hoje^{***}.

O mesmo tempo especializado em espiral encontramos no pensamento dos astecas. Como os Hopi, também os astecas eram, ao tempo do contato com a civilização ocidental, de sedentarização recente.

Absorvendo em grande parte a cultura tolteca anterior, não deixaram de matizá-la com sua ideologia de caçadores “Chichimecas” (“bárbaros”).

A espacialização do tempo, neste caso, não pode ser entendida sem levar em conta a noção do 5º Sol ou a “era dos astecas” que é ao mesmo tempo justamente a do “Sol do

* Talvez não seja este o termo mais adequado. O conhecimento do território tribal, de que o caçador deve extrair todos os recursos necessários à vida, tem como consequência a representação de cada espécie (inclusive a humana) como um estoque limitado de bioenergia. Portanto, é deste estoque limitado que se supõe que a vida humana se realimenta. Talvez isto explique por que em muitas sociedades indígenas como, por exemplo, os Kamayurá (6:105) e os Xikrin (12:114), as pessoas tomem os nomes dos avós, mesmo não se acreditando em reencarnação.

** À metafísica dos Hopi (o espaço se alterando entre o manifesto e o manifestante) Whorf opõe a nossa concepção de tempo, como “cinegético unidimensional, eternamente e uniformemente movente” e de espaço como “tridimensional, infinito e estático”.

*** O passado dos Hopi é um dos mais bem conhecidos na história das populações indígenas da América (3:86).

Movimento”(como se os outros sóis anteriores fossem tempos imóveis, correspondentes a culturas sedentárias pré-astecas). Faz-se, contudo, uma concessão aos quatro deuses anteriores. Cada um deles terá um período de dominação, subordinando-se aos outros nos períodos restantes. Temos assim uma divisão em períodos de 13 anos, cada período orientado para uma das direções cardiais.

“The Nahuas, therefore, believed that movement and life resulted from the harmony achieved by the spatial orientation of the years and the days, in other words, by the spatialization of the time” (9:56).

Em espiral representam, não só o tempo, mas também o próprio verbo criador, os Dogon da Nigéria (5;1:66-9).

É claro que, assim como ao périplo circular do tempo espacialmente vivido se sobre põe o eixo da descendência (a oscilação vida-morte), “espiralando” o tempo, a esta mesma representação se sobre põem outras, a história distendendo as espirais mais e mais, na medida em que se estende o espaço e o tempo entre produção, distribuição e consumo, por um lado, e na medida em que, por outro lado, se deixa cada vez mais a reposição (ou retroalimentação) da Natureza a cargo, no plano do real, de *técnicas futuras*, e no plano do mito, a cargo dos *ajustes de contas no além-túmulo*.

Este ajuste de contas protelado para o além-túmulo é uma crença que deixa o caminho aberto para a irresponsabilidade dos homens frente à natureza e frente aos outros homens. Sendo responsável pelos seus atos somente perante Deus e, no protestantismo, sem mesmo qualquer mediação, o homem se sente livre para os acertos e erros dos quais sempre poderá se arrepender e, conseqüentemente, redimir. Neste sentido, realmente, a religião cristã acaba moldando-se e amoldando-se no bojo do capitalismo nascente*.

“Plus les dieux sont grands, plus les hommes sont libres”, escreve MONGIN (911:37), citando Marcel Gauchet. Deus torna-se o Absoluto, afastando-se de sua criação**. O efeito crucial deste distanciamento é, ainda segundo Gauchet, que ele desolidariza as criaturas inteligentes do resto da realidade criada, rompendo inclusive com a aliança que ligava os homens a todas as coisas da natureza (11:90).

* “O ‘deus interior’ das religiões mais adiantadas é também o deus dos indivíduos”, já observava Mauss em 1909 (10:106).

** Este distanciamento começa após a sedentarização, seguida do desenvolvimento da agricultura. Agricultores sedentários passam a representar suas relações com a natureza centralizadas nas plantas que domesticam. Isto tem a ver também com o fato de os mortos serem enterrados sempre no mesmo lugar. Representados como vida dada às plantas, acabam sendo tidos como responsáveis pelas boas colheitas, inaugurando-se assim o culto aos antepassados, concomitantemente com o desenvolvimento do conceito de propriedade sobre o solo. É assim que a visão do mundo criada pelos caçadores, aos poucos, se modifica: o homem não se sente mais tão ligado a toda a natureza. Ele passa a se identificar mais com a planta domesticada e são os ancestrais que se tomam os mediadores entre o mundo humano e o restante da natureza. Este é um primeiro passo para um enfraquecimento do sentimento de responsabilidade do homem para com toda a natureza. O neolítico é, pois, um retrocesso e não um avanço no sentido de uma construção de filosofia de vida.

A liberdade individual sem peias tem, portanto, um preço muito elevado: transfere-se a outros homens vindouros ou a Deus o trabalho de reequilibrar a natureza, que a ação do homem modifica, domestica e destrói cada vez mais.

Percebe-se assim muito bem que à nossa própria representação do tempo, ainda que possa sugerir uma reta infinita no plano puramente astronômico ou histórico (referente à História Natural, não à história do homem), compreende igualmente uma visão do futuro finito, na medida em que as representações de um fim de mundo (como fim de vida, ao menos para a espécie humana), devido a um esgotamento das técnicas frente às transformações do planeta ou mesmo à destruição deste numa guerra nuclear, coincidem com as representações míticas do juízo final.

Já que as religiões salvacionistas garantiram uma alma eternamente feliz aos homens (não a todos, é óbvio, mas aos “eleitos”, aos “bons”, aos adeptos daquela que se considera verdadeira), a única solução que o salvacionismo encontra para saldar o débito que temos pelas nossas agressões à Natureza e aos outros homens, é a entrega dos “maus” a um castigo, eterno ou não.

Tão relacionados estão, na realidade, a idéia de um juízo final e a percepção da necessidade de saldar a dívida para com a Natureza, que algumas religiões concebem o fim do mundo como o fim de um ciclo, a divindade voltando ao mundo para deixar a Terra tão fértil e rejuvenescida como o Éden primordial; tudo isso mesmo se percebe facilmente, em troca do castigo ou da destruição dos “maus”.

A outra alternativa que, evidentemente, solucionaria de forma mais satisfatória os problemas da humanidade, no plano do real, seria colocar ciência, técnica, todo o esforço conjugado a serviço de uma verdadeira racionalização da economia, o que obviamente implica um planejamento econômico que só pode ser posto efetivamente em ação, e com toda a eficiência necessária, em países não capitalistas, pois onde bancos e multinacionais impõem seus interesses de uma forma ou outra, um planejamento racional jamais consegue continuidade e aplicação, mesmo porque, além do reequilíbrio com a Natureza, o reequilíbrio interno ao mundo humano, no sentido de se poder falar em comunidade, teria que ser a meta.

A estratificação da sociedade baseada numa ideologia religiosa que protela os acertos internos para o além-túmulo, prepara o massacre dos tempos modernos: a colonização de terras novas subjugando ou exterminando os antigos habitantes, em vez de se reinvestir nas terras do Velho Mundo, já exploradas. E é com os grandes descobrimentos, o apossamento das novas terras como se elas fossem desabitadas e a percepção da Natureza nelas como recursos ilimitados que podem ser simplesmente apropriados pelos europeus e convertidos em lucro, que o tempo se torna efetivamente linear.

Essa linearidade corresponde a um gênero diferente de atividade “itinerante” (que só a própria esfericidade da Terra reduzirá finalmente a uma nova circularidade). É a agricultura itinerante do capitalismo moderno, a exploração intensiva e devastadora das florestas, a rapinagem e depredação sem peias e sem piedade dos desfolhantes, dos gemicidas, dos detergentes, dos resíduos atômicos, consumindo hoje os recursos do amanhã, na corrida

desenfreada do maior lucro para poucos, em detrimento da humanidade inteira. Esses poucos serão os portadores da convicção de pertencerem a uma raça superior, mais inteligente e mais eugênica, como se julgavam os nazi-fascistas da década de 30-40? As grandes tragédias não comportam comparações, por isso não podemos dizer o que é pior: a opção não se estabelece entre as duas correntes, mesmo porque uma leva à outra e vice-versa.

De qualquer forma, o grupo privilegiado está presente. Não tem rosto nem pátria nem tem família, mas guarda-costas regamente pagos para preservarem suas “preciosas” vidas a serviço de organizações que são sólidas estruturas vazias. Nem mesmo são reprodutores. São o que produzem: frutos e fatores de uma civilização que o planeta extenuado não mais absorverá: são o “Homem de plástico”.

Procurar no “Homem de plástico” uma estrutura antropológica em que a alteridade se encontre alojada no próprio interior do indivíduo, é tarefa dos psicanalistas: o “Outro” que não respeitam – homem ou animal, natureza poluída ou flora devastada – certamente se aloja no seu íntimo na forma de um monstruoso *id*.

Para os antropólogos, que sabem que a alteridade sempre se encontrou introjogada e que a humanidade do paleolítico se guiava por uma lógica de grande racionalidade*, só resta insistir em que a natureza humana só pode ser definida de acordo com GOLDMANN (4:99): “O homem se define por suas possibilidades, por sua tendência para com a comunidade com outros homens e para o equilíbrio com a natureza”.

Esta é a *estrutura antropológica* sem a qual não tem sentido falar em humanidade. Sacralizada pelas religiões que chamamos “politeístas” durante os milhares de anos e milhões de gerações em que a humanidade foi tão-somente caçadora e coletora, a sua realização em nível global é hoje tarefa que os povos têm que encetar se quiserem salvar a humanidade do abismo e a História de um fim precoce.

CARVALHO, S.M.S. – When time become linear. *Perspectivas*. São Paulo, 9/10: 161-168, 1986/87.

ABSTRACT: Based in an essay of Edmund Leach about time, we've tried to specify certain concepts enlightened by the Knowledge we have today about the hunters and gatherers and their space-time representations. We've also tried to establish the relevance that they have to the emergence of a lineal time representation, technological development and the appearance of salvation religions; and to point out that, even in these last, a certain cyclical representation structure is maintained.

KEY-WORDS: Time concept; cyclical time; lineal time; factors of concept transformation; religions and time representation.

* Respeitando fetiches sem praticarem fetichismo, os caçadores-coletores conseguiram manter o equilíbrio ecológico durante a maior parte da história da humanidade, que faz sua aparição na África há cerca de quatro milhões de anos e se tornou (e somente em pequenas áreas) agricultora há apenas cerca de dez mil anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CALAME-GRIAULE, G. – *Ethnologie et langage: la parole chez les Dogon*. Paris, Galimard, 1965.
2. EVANS-PRITCHARD, E. E. – *The Nuer: a description of the modes of livelihood and political institutions of a Nilotic people*. Oxford, Clarendon Press, 1956.
3. FOX, R. – *Kinship and marriage: an anthropological perspective*. Harmondsworth, Penguin Books, 1967.
4. GOLDMANN, L. – *Ciências humanas e filosofia*. 2. ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
5. GRIAULE, M. – *Dieu d'Eau: entretiens avec Ogotomméli*. Paris, Fayard, 1966.
6. JUNQUEIRA, C. – *Os índios de Ipavu: um estudo sobre a vida do grupo Kamayurá*. São Paulo, Ática, 1978.
7. LEACH, E. R. – Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo. In: – *Repensando a antropologia*. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 191-209.
8. LEENHARDT, M. – *Do Kamo*. Buenos Aires, Endeba, 1961.
9. LEÓN-PORTILLA, M. – *Aztec thought and culture: a study of the ancient Nahuatl mind*. Oklahoma, Press-Norman, 1963.
10. MAUSS, M. – A prece. In: OLIVEIRA, R.C., org. – *Marcel Mauss*. São Paulo, Ática, 1979, p. 102-46 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 11).
11. MONGIN, O. – Quand la religion s'eclipse. *Esprit* (106): 34-49, oct., 1985.
12. VIDAL, L. – *Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1977.
13. WHORF, B. L. – *Linguistique et anthropologie*. Paris Med. Gonthier Denoël, 1969.